

## GT 6. Revoluções na América Latina e dilemas do socialismo

# Revolução bolivariana de Hugo Chávez: a primavera dos povos sul-americanos?

Anne Lima\*

**Resumo.** O presente trabalho tem como objeto de estudo o papel da Era Chávez no novo momento da América Latina, caracterizado pela amplitude democrática, ascensão dos movimentos sociais e governos progressistas que detêm entre si a semelhança de divisão de renda e diminuição da desigualdade social. Objetiva-se traçar paralelos a respeito da chegada de Hugo Chávez ao poder e uma suposta Primavera dos Povos da América do Sul, uma vez que o imperialismo histórico em nosso subcontinente, representado paulatinamente pelos Estados Unidos, vem perdendo voz frente a uma postura mais incisiva dos governos de esquerda, em especial o de Chávez, na Venezuela. Artigos científicos, de jornais e revistas que contemplem o tema serão utilizados como fontes de pesquisa a fim de manter um diálogo com as vozes e os pensamentos que norteiam o momento atual da América Latina.

A década de 1980, chamada de Década Perdida, desenvolve na América do Sul um cenário de miséria e subvalorização do Estado, mas também, e principalmente, de lutas sociais. Internamente, a Venezuela vivia a maior crise político-econômica de sua História sob a presidência de Luiz Herrera Campíns (1979 – 1984). Foi em seu governo, mais precisamente em 18 de fevereiro de 1983, que o país vivenciou a chamada sexta-feira negra. A sexta-feira negra marcou a escalada da inflação no país pelas consecutivas desvalorizações da moeda nacional<sup>1</sup>. Campíns sofreu muitas críticas por sua política econômica equivocada, principalmente por se recusar a renegociar a dívida externa e não foi reeleito para um segundo

---

<sup>1</sup> O país vivia uma época de muito consumo uma vez que as divisas do petróleo proporcionavam boa renda para a população. A grande circulação da moeda gerou um processo inflacionário que culminaria com uma grande crise econômica na virada da década 1980/1990.

mandato, o que na prática não significava mudanças de governo, tampouco de Estado, já que a Venezuela vivia os anos do Puntofijismo<sup>2</sup>.

Para agravar a crise, a relação entre a Venezuela e seu antigo parceiro, os Estados Unidos, sofre um desgaste devido ao aumento substancial da oferta de petróleo no mercado<sup>3</sup>, diminuindo o interesse estadunidense pelo produto venezuelano e forçando o país a buscar novas alianças e parcerias, uma necessidade complicada de ser sanada em virtude de dois contextos: a América Latina fragmentada, desunida e empobrecida; e a crise do petróleo de 86. A queda do preço do petróleo teve seu reflexo em todo o mundo e atingiu em cheio a Venezuela, que era uma das principais exportadoras mundiais e com papel de destaque na OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo).

“A partir de 1986, os preços começam a cair no mercado internacional, impactando de maneira extremada a Venezuela. Some-se a isso a inflação, as altas taxas de desemprego, a desvalorização da moeda e o dreno das finanças públicas pelas políticas de clientelismo e pela corrupção” (NEVES, 2010, pág. 49).

Além de um déficit orçamentário incalculável com as perdas do petróleo, a Venezuela ainda lidava com uma convulsão social ocasionada pelas altas taxas de desemprego, a inflação descontrolada e a corrupção que assolava o país. Foi então que estourou, na virada da década de 1980 para 1990, o *Caracazo*. Estima-se que ocorreram cerca de 130 manifestações/mês na capital venezuelana com um total de 300 mortos pela alta repressão que o governo de Carlos Andrés Pérez (1989 - 1993), em seu segundo mandato, impunha aos manifestantes. Mas não era apenas a população civil quem ia às ruas; os militares de baixa / média patentes também compunham o movimento do *Caracazo*, e foi durante tais manifestações que apareceu no cenário político Hugo Chávez, como um dos líderes de uma rebelião militar, no início da década de 1990 (NEVES, 2010).

Os motivos para que a população venezuelana reivindicasse e se revoltasse contra os governos puntofijistas eram nítidos nos indicadores sociais. No período compreendido entre 1989 e 1993 aumentou a concentração de renda no país e por consequência a desigualdade

---

<sup>2</sup> Segundo NEVES (2010), “inicialmente tratava-se de um acordo para a manutenção da democracia, mas posteriormente passou a designar a aliança tácita dos dois principais partidos – AD e COPEI – não apenas em relação às regras do jogo, que deveriam continuar democráticas, mas também em relação à partilha do poder de maneira consensual e, conseqüentemente, dos benefícios gerados pelas altas rendas do petróleo, que aumentaria ainda nos períodos posteriores com a ação da Organização dos Países Exportadores de Petróleo, a partir de sua fundação em 1960” (pág. 46).

<sup>3</sup> Nas décadas de 50, 60 e 70 a oferta de petróleo no mercado mundial restringia-se aos países da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), explicando e motivando os Estados Unidos a manter laços estreitos com a Venezuela. Os efeitos da globalização econômica e a produção petroleira sofrendo uma desconcentração mundial acarretou um afastamento econômico por parte da potência norte-americana, complicando a economia venezuelana, em especial nos tempos de crise.

social; o número de delitos triplicou e o valor do salário real de 1990 equivalia a menos de 50% quando comparado ao de 1978, no auge do comércio petrolífero, e a inflação atingiu 85% ao mês (NEVES, 2010).

As questões internas do país eram um reflexo da onda neoliberalista respaldada no Consenso de Washington que se deflagrava pelo mundo. Esse período foi marcado pelo endividamento coletivo dos países latino-americanos da metade para o final da década de 1980, fruto da política nacional-desenvolvimentista anterior e pautada nos empréstimos tomados dos organismos financeiros internacionais. A recessão que se abateu sobre o continente pelo endividamento deu margem para que a experiência que já vinha sendo feita no Chile de Pinochet se alastrasse pelos demais países, e a década de 1990 iniciou-se sob os governos neoliberais e o recrudescimento dos movimentos sociais na região. Pontualmente para a Venezuela, as crises deflagradas a partir da década de 1980 se mostraram fundamentais para ascensão de Hugo Chávez ao poder, já no final da década seguinte.

Para Monica Hirst (2013), a chegada democrática, aclamada pela população e pelos movimentos sociais de Hugo Chávez a presidência significou muito mais do que a quebra do revezamento de poder entre as elites do Puntofijismo na Venezuela, mas um momento histórico para a América Latina no que concerne o caráter anti-imperialista, simbólico e real, de Chávez.

Um olhar menos preocupado em personalizar o relato histórico, que procura compreender os processos de mudança, verá que, para a América Latina - e, especialmente a América do Sul-, este foi o momento de esgotamento da condição de inserção internacional como esfera de influência dos Estados Unidos. (parágrafo 3)

A ascensão de Chávez em 1999 representou uma vitória do *Caracazo* e dos demais movimentos de luta que tomaram conta da América Latina em razão das políticas neoliberalizantes em prática. Questões indígenas, de acesso a terra, feministas, trabalhistas e demais reivindicações populares que já pulsavam nos países latino-americanos ganharam em Chávez uma liderança representativa anti-sistêmica e, principalmente, anti-estadunidense. Para Fidel Pérez Flores (2013), o freio a presença mais incisiva dos Estados Unidos na região foi seguida por lideranças, partidos e movimentos sociais com agendas progressistas de mudança política e social.

A autora Monica Hirst (2013) corrobora Fidel Flores (2013) e destaca a sinergia entre os atores sociais e as novas políticas implementadas na América do Sul como uma espécie de escudo de proteção contra os avanços do imperialismo, representados prioritariamente pelos Estados Unidos:

Este foi um avanço histórico, impulsionado pela sinergia política espontaneamente produzida entre visões de mundo defendidas pela Venezuela, pela Argentina e pelo Brasil. Enquanto Chávez vociferava contra os EUA em diferentes palanques, a Argentina oferecia o cenário mais expressivo da débâcle do neoliberalismo e o governo Lula implodia a negociação da Alca --o último suspiro da noite de verão dos termos assimétricos que condicionaram por décadas o vínculo EUA-América Latina (parágrafo 5).

Nesse sentido, Hugo Chávez representa não apenas um contexto interno e isolado da Venezuela de clamor social por melhores condições de vida, mas um momento histórico de luta e rejeição aos modelos impostos, e construídos externamente, de sociedade, economia e política na América Latina de maneira geral. Cabe-se, então, destacar que a chegada de Evo Morales (Bolívia), Rafael Corrêa (Equador), Lula da Silva (Brasil), o casal Kirchner (Argentina) e o próprio Chávez na Venezuela são parte de um processo interno e intenso de respaldo dos movimentos sociais a estes líderes e vice-versa.

A reconfiguração e amadurecimento dos processos de luta tornam-se um elo de ligação entre os governos progressistas da América do Sul no início do século XXI, mas há também diferenças entre eles. Há autores, como Luiz Alberto Monis Bandeira (2002), que consideram os líderes supracitados como claramente líderes de um pensamento de esquerda. Entretanto, para o autor, há líderes a esquerda dessa esquerda sul-americana, dentre eles Evo Morales e Hugo Chávez. A diferença entre estes e os demais reside não somente na condução dos processos internos de seus respectivos Estados, mas pontualmente no caráter da integração regional: o olhar para dentro do América Latina.

O processo da Revolução Bolivariana promovida por Chávez implementa também a força e a união da América Latina, tal qual desejava Simón Bolívar. Nesse sentido, Chávez canalizou seus esforços de integração regional latino-americana na ALBA – Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América, a qual promove a cultura e sociedade latino-americana como prioridades, tendo assim um viés diferenciado das demais propostas de integração existentes no subcontinente, como MERCOSUL e UNASUL, da qual a Venezuela também é integrante<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> A ALBA funciona como uma contraproposta à ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), idealizada pelos Estados Unidos e de caráter imperialista; e, Assim como a ALBA emerge em contraponto à ALCA, os Tratados de Comércio dos Povos (TCPs) são postos como formas de enfrentar os Tratados de Livre Comércio (TLCs), propostos pelos Estados Unidos. Fica evidente o através da proposta da ALBA o enfrentamento direto existente Chávez e o sistema hegemônico estadunidense.

Além do pensamento de integração regional para além das questões econômicas propostas por Chávez, José Maurício Domingues (2013) faz uma ressalva sobre o caráter interno da Revolução Bolivariana e afirma:

Se nos outros países a democratização caminhava por baixo, caracterizando uma verdadeira "revolução molecular democrática", com momentos em que forças políticas que a expressavam mais diretamente chegaram ao poder de Estado, na Venezuela foi então o que se pode chamar de "cesarismo democrático" que tendeu a prevalecer. Ou seja, desde cima foi o processo de democratização social deslançado e pouco a pouco alcançou a sociedade e as forças populares, ao contrário do que ocorreu com outros países, como o Brasil e a Bolívia (pág. 1).

O caráter da democracia e do envolvimento dos movimentos sociais nos governos que se iniciaram no século XXI é ressaltado também por Maria Regina Soares de Lima (2013), a qual atenta para a pluralidade de atores e de características dos processos de chegada ao poder dessas lideranças mais populares. Para a autora,

Nos países andinos o movimento foi impulsionado quer por lideranças carismáticas, sobressaindo-se o papel de Hugo Chávez que mudou definitivamente o cenário político-social sul-americano, quer por partidos-movimentos com relevante representação indígena. Ainda mais importante, toda esta transformação estrutural ocorreu na mais absoluta legalidade, o voto assegurando legitimidade aos processos de refundação nestes países (pág. 2).

Apesar da clara menção aos contextos venezuelano e boliviano, podemos estender tais características também aos países do Cone Sul que se apresentam com governos progressistas amplamente respaldados não apenas pelo voto em sua ideia mais restrita, mas pela satisfação popular em toda a sua amplitude de significados, como Mujica no Uruguai e Dilma no Brasil, atualmente. Para DOMINGUES (2013), no entanto, o papel de Hugo Chávez nesse novo momento latino-americano sobressai-se aos demais companheiros contemporâneos em seu caráter revolucionário e de afirmação da mudança pela emancipação política do povo venezuelano:

Mas, ao contrário das lideranças fortes que a região tantas vezes conheceu, que em geral se mostraram limitadas, na melhor das hipóteses, em sua contribuição para o futuro de seus países, o legado desigual de Chávez vai muito além do que eles chegaram a construir. Ele é parte importante da grande onda de transformação democrática vivida pela América Latina nas últimas décadas (pág. 1).

Nesse sentido evidencia-se o momento atual da conjuntura política sul-americana de desenvolvimento e consolidação da democracia. Para tanto, existe uma congruência de ideias no sentido de que Hugo Chávez representou e representa papel central ao longo desse

processo, trabalhando como catalisador das demandas sociais internas da Venezuela<sup>5</sup> e aglutinador dos ideais Bolivarianos em sua plataforma de exportação de ideias, sendo essa uma de suas principais características de governo: a retórica de uma América Latina voltada para seus próprios conflitos, avanços e retrocessos a fim de encontrar e trilhar seu próprio caminho.

Monica Hirst (2013) avalia Hugo Chávez:

Trata-se de uma figura que somou altivez e audácia ao momento de recuperação da soberania política da América do Sul. Um momento em que o continente consolida seus marcos institucionais democráticos que, se bem diversos, compartilham o compromisso com políticas de inclusão social e a valorização da paz regional (parágrafo 13).

O papel do Chavismo na Venezuela e fora dela evidencia e ratifica as mudanças de caráter político-social pelas quais vêm passando o subcontinente sul-americano. Entretanto, as contradições do processo venezuelano e de seu Socialismo do Século XXI também são alvo de estudo – e críticas – por parte dos estudiosos das Ciências Sociais. É nessa direção que José Mauricio Domingues (2013) faz apontamentos que consideram a Revolução Bolivariana um caminho tortuoso cheio de incongruências em curso. O autor chama a atenção para a dependência do petróleo da economia venezuelana na sustentação de seus programas sociais (prioritariamente as Missões Sociais), bem como as bases de um novo clientelismo no país:

Institucionalmente as políticas sociais venezuelanas são hoje débeis e desvinculadas de uma reorganização mais profunda do Estado. O desenvolvimento econômico não foi realmente buscado no longo prazo, utilizando-se a renda petroleira para atacar os problemas da miséria e da pobreza, engendrando assim uma nova clientela, sem porém projetar com segurança o futuro do país (mesmo se se considera que as reservas de petróleo da Venezuela podem durar muitos anos ainda). A universidade, com a alienação de muitos intelectuais frente ao chavismo devido a suas práticas autoritárias, pouco recebeu apoio (pág. 2).

Ainda em tom de críticas, o professor Breno Bringel (2013) relata também as contradições do processo revolucionário bolivariano:

no haber profundizado más la revolución social; por su concepción abierta de un socialismo de Estado pero poco receptiva a perspectivas más libertarias y autonomistas; por llevar poco a serio la propuesta zapatista de “mandar obedeciendo”; por las contradicciones entre el discurso socialista y ciertas prácticas profundamente capitalistas que no le permitieron generar un proyecto económico alternativo a medio y largo plazo; por la fuerte centralización de un proceso que, si bien ha tenido en la

---

<sup>5</sup> Chávez criou as *Misiones Sociales*, o programa social de seu governo que contempla áreas básicas de atuação governamental, como Educação, Saúde e Habitação. O programa é subsidiado pelo capital petroleiro e alcançou metas louváveis, como a extinção do analfabetismo e a quase totalidade da segurança alimentar no país através da diminuição da pobreza extrema.

figura del ex presidente su eje neurálgico, ha acabado por transbordarle con la aparición del "chavismo" (pág. 1).

Ainda que as contradições sejam inerentes ao processo de chegada e permanência do Chavismo no poder, muitos são os exemplos que denotam o porquê da popularidade de Hugo Chávez para além de uma figura carismática, e polêmica. Dados da CEPAL apontam a diminuição latente da pobreza no país na Era Chávez, onde as Missões Sociais através do capital do petróleo estatal foram fundamentais ao longo desse processo de divisão de renda.

A tabela abaixo demonstra a relação entre a capacidade fiscal dos países sul-americanos e a redução da pobreza extrema. A Venezuela de Chávez é o terceiro país que mais reduziu a pobreza ao longo dos anos considerados na pesquisa, os quais equivalem aos anos de Chávez no poder. Bolívia e Peru também apresentam índices muito significativos nesse sentido. A avaliação desses dados pode explicar a continuidade desses governos na presidência pela vontade da população, direta ou indiretamente.

<b>Carga Tributária e Pobreza</b>						
<b>País</b>	<b>Carga Tributária (% do PIB)</b>			<b>Linha de Pobreza (% da população)</b>		
	<b>2001</b>	<b>2011</b>	<b>(Variação)</b>	<b>2000-02</b>	<b>2009-11</b>	<b>(Variação)</b>
Argentina	20,94	34,89	+13,95	-	-	-
Brasil	31,0	34,76	+ 3,76	34,4	20,9	-13,5
Bolívia	16,97	22,1	+5,13	62,4	42,4	-20,0
Chile	18,64	20,18	+1,54	20,2	11,0	-9,2
Colômbia	15,62	18,08	+2,46	45,7	30,5	-15,2
Equador	14,14	20,85	+6,71	49,0	32,4	-16,6
Paraguai	10,0	13,35	+3,35	59,7	49,6	-10,1
Peru	14,04	16,97	+2,93	42,0	18,0	-24,0
Uruguai	22,37	26,54	+4,17	15,4	6,7	-8,7
Venezuela	11,22	12,47	+1,25	48,6	29,5	-19,1

Fonte: CEPAL. Maria Regina Soares de Lima, "A Primavera Sul-Americana", Boletim OPSA - 01 - jan./mar. 2013, p. 04.

Faz-se necessário ressaltar também que, muito embora haja uma concentração do poder na figura de Chávez como apontado por Bringel (2013), bem como a manutenção de práticas capitalistas – a Venezuela continua sendo um Estado essencialmente capitalista, e nesse sentido, um antagonismo a retórica anti-sistêmica de Chávez –, são substancialmente claras as mudanças socioeconômicas promovidas por Chávez. A tabela acima evidencia a diminuição da pobreza, e o economista Victor Leonardo de Araújo (2013) aponta a

diminuição participativa do setor petrolífero no PIB Venezuelano, em resposta a uma matéria do Jornal O Globo:

Na fonte que eu consultei (o Banco Central da Venezuela), o setor petrolífero respondia por 19% do PIB em 1998, contra pouco mais de 10% em 2012. [...] a economia venezuelana se diversificou. Não foi rumo à indústria, pois a participação desta última no PIB caiu. Mas, insisto, a dependência do petróleo DIMINUIU, e não aumentou como o jornal tem sistematicamente afirmado (parágrafo 26).

Dessa forma, as contradições do processo promovido por Chávez não invalidam suas conquistas internas e, em termos de América Latina, não se configuram como um elo fraco nesse momento de levantes e lutas contra o sistema – apontado por Chávez como “centrifugador dos recursos latino-americanos” –, pelo contrário, fortalecem o debate acerca do que ainda há a ser conquistado. O protagonismo de Chávez na América Latina através de seus discursos anti-hegemônicos, sua exportação de ideias que primam pelo fortalecimento das nações latinas e suas posturas dissonantes em reuniões, cúpulas internacionais etc., foram sempre ratificadas nas urnas pela população da Venezuela, assim como vêm acontecendo nos demais países de regimes progressista na América do Sul, apontando um momento de uniformidade das sociedades latino-americanas em torno das questões sociais que privilegiem aqueles que, historicamente, não são / foram contemplados com nenhum privilégio.

A ascensão de Chávez ao poder, em 1999, reconfigura os moldes de diálogo e integração regional latino-americanos, colocando-os sob o prisma do Bolivarianismo, o qual adquire papel central – e fundamental – na condução do país em sua relação com seus vizinhos diretos e indiretos da América do Sul e Central. A política externa chavista é de suma importância para a compreensão do processo que podemos chamar de Primavera dos Povos Sul-americanos, pois além de promover a América do Sul como centro de suas idealizações, Chávez traz o Caribe para as discussões políticas e sociais, um feito diferenciado, pois o Caribe historicamente é cultivado em um viés econômico de integração regional através do CARICOM e ALALC, hoje ALADI.

A proposta de diálogo entre os países latino-americanos de Hugo Chávez é sustentada por quatro eixos: o anti-imperialismo, a defesa de uma ordem internacional multipolar frente ao unipolarismo, os desafios de consenso energético como espaço de trabalho estratégico e a liberdade de ação e interpretação para toda a América Latina, livre de intromissões, principalmente dos Estados Unidos (ZUCK, 2011). Nesse sentido, a presença de Hugo Chávez na última década foi crucial não apenas para o início de um diálogo mais profundo com os movimentos sociais e governos progressistas latino-americanos, mas também na

condução desse processo, ainda que incongruências e polêmicas tenham marcado grande parte do mesmo.

O anti-imperialismo pode ser compreendido como um conjunto de medidas e ações que se configuram em barreiras ao controle e ao domínio impostos pelos países considerados centrais em relação aos periféricos e semi-periféricos. O imperialismo imprimido pelos países europeus e a potência norte-americana aos Estados latino-americanos é caracterizado pela centrifugação dos recursos econômicos, além das intervenções políticas e culturais que acabam por ratificar a hegemonia dos países centrais no cenário mundial.

Nessa premissa, podemos inferir que a posição chavista na América Latina é pautada em um projeto de regionalismo contra-hegemônico. Com base no Bolivarianismo, a visão de integração chavista é “construída na relação interdependente e de reforço mútuo entre o Estado e forças sociais anticapitalistas, ou seja, sociedades organizadas nacionais e transnacionais” (ZUCK, 2011, pág. 94).

Foi através de uma postura mais assertiva contra o imperialismo estadunidense e práticas primariamente contrárias as do neoliberalismo que o Chavismo despertou a Venezuela, e a América Latina para a sua Primavera dos Povos. “Em resumo, com estridência e dramatismo próprios da cultura venezuelana, Hugo Chávez já deixou uma marca na história recente latino-americana”. (HIRST, 2013, parágrafo 12)

### **Lista de Siglas:**

AD - Ação Democrática  
ALALC - Associação Latino-Americana de Livre Comércio  
ALADI - Associação Latino-Americana de Integração  
ALCA - Área de Livre Comércio das Américas  
ALBA – Aliança Bolivariana para os Povos da América  
CARICOM – Comunidade do Caribe  
COPEI - Comitê de Organização Política Eleitoral Independente  
MERCOSUL – Mercado Comum do Sul  
OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo  
PIB – Produto Interno Bruto  
TCP – Tratado de Comércio dos Povos  
TLC – Tratado de Livre Comércio  
UNASUL - União de Nações Sul-Americanas

### **Referências:**

ARAÚJO, Vitor Leonardo de. Economista na UFF enumera mentiras de 'O Globo' sobre Venezuela. In: Carta Maior. Disponível em <[http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=21926](http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=21926)>. Acesso em 22 abril 2013;

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. As políticas neoliberais e a crise na América do Sul. In: Rev. Bras. Polít. Int. 45 (2): 135-146 [2002]

BRINGEL, Breno. Chávez, América Latina y el chavismo sin chauvinismo. In: *Observatório Político Sul-Americano*. Disponível em <[http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/Artigo\\_OPSA\\_03\\_11\\_2013.pdf](http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/Artigo_OPSA_03_11_2013.pdf)>. Acesso em 5 maio 2013.

DOMINGUES, José Maurício. O legado insuspeito de Chávez na hora de sua morte. In: *Observatório Político Sul-Americano*. Disponível em <[http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/2013\\_03\\_06\\_Domingues.pdf](http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/2013_03_06_Domingues.pdf)>. Acesso em 5 maio 2013.

FLORES, Fidel Pérez. Os dois tempos do cenário político pós-Chávez. In: *Boletim OPSA. n.1, jan./mar. 2013*. Disponível em: <[http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/2013\\_03\\_12\\_Flores.pdf](http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/artigos/2013_03_12_Flores.pdf)>. Acesso em 30 abril 2013.

HIRST, Monica. Chávez catalisou reação latina contra os EUA. In: *Folha de São Paulo*. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1241205-analise-chavez-catalisou-reacao-latina-contra-os-eua.shtml>>. Acesso 8 março 2013.

LEITE, Iara; FLORES, Fidel Pérez. Refundações, conflito e polarização na Venezuela de Chávez. In: *Agenda sul-americana : mudanças e desafios no início do Século XXI / Maria Regina Soares de Lima ; Marcelo Vasconcelos Coutinho (org.) Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2007*.

LIMA, Maria Regina Soares de. A Primavera Sul-Americana. In: *Boletim OPSA. n.1, jan./mar. 2013*. Disponível em <[http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/boletim/Boletim\\_OPSA\\_n\\_1\\_2013.pdf](http://observatorio.iesp.uerj.br/images/pdf/boletim/Boletim_OPSA_n_1_2013.pdf)>. Acesso 30 abril 2013.

NEVES, Rômulo Figueira. Cultura política e elementos de análise da política venezuelana / Brasília : FUNAG, 2010, 152 p.

ZUCK, Débora Villetti. A integração da América Latina expressa na educação Venezuelana dos governos Chávez: 1999-2009 / Débora Villetti Zuck – Cascavel, PR: UNIOESTE, 2011.